

RESENHA:

Al Berto. *Diários*. Lisboa. Assírio & Alvim. 2012. 591.p.

A POESIA DE AL BERTO E AS RASURAS DO CORPO

Rodrigo da Costa Araújo¹

“Não tenho biografia; sendo um verdadeiro artista, atravesso a vida como uma das personagens dos meus livros” (Lawrence D./Lívia, p. 480).

Preciso com a máxima urgência de escrever, sobretudo não parar de escrever, não para substituir o livro que me escapa, que se desligou de mim, mas porque me é impossível não criar, não escrever, ou ficar siderado perante o vazio que o livro deixou. Não acredito no génio, acredito, sim, na necessidade, na urgência, na ânsia de me manter por um fio entre a queda final e o precário equilíbrio das palavras (Al Berto, 2012, p. 78).

Não passa despercebida, a quem já tenha lido algum texto de Al Berto², uma espécie de nuance autobiográfica, especialmente no que concerne ao ato de criar. Isso fica mais evidente na leitura dos seus *Diários* (2012), lançados recentemente pela editora Assírio & Alvim.

Vários fragmentos, registros e confissões dão conta de que, para ele, escrever assume sentido e inscrição, desejo, procura e disfarces. Ademais, a escrita como tema de seus registros e foco de muitas de suas poesias contribue, favoravelmente, para isso. Criar é, então, um dilema e tema na escritura al bertiana.

¹ Professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte e Doutorando em Literatura Comparada. profrodrigopuc@hotmail.com

² Al Berto nasceu a 11 de janeiro de 1948, em Coimbra, Portugal. Seu nome de batismo era Alberto Raposo Pidwell Tavares. Estudou em Lisboa, primeiramente, e mais tarde viajou a Bruxelas para estudar pintura. Voltou a Portugal na década de 70, onde passou a dedicar-se exclusivamente à escrita. Publicou vários livros de poesia, como *Meu Fruto de Morder*, *Todas as Horas* (1980), *Salsugem* (1984) e *Horto de Incêndio* (1997), mas foi a coletânea *O Medo*, com poemas escritos entre 1974 e 1986, editada pela primeira vez em 1987, que trouxe o reconhecimento da importância de Al Berto no panorama da poesia portuguesa contemporânea, tornando-se o livro mais conhecido do poeta português, ao qual seriam adicionados em posteriores edições novos escritos do autor, mesmo após a sua morte. Al Berto tornou-se um dos poetas mais conhecidos do Portugal pós-Salazar, por fazer de “Al Berto” uma criação poética em que a vida e a obra se entrelaçavam.

Escrever todos os dias. Umhas horas. Disciplinar a mão e a mente. Escrever, simplesmente escrever. Escrever como quem se perturba consigo mesmo e com o que o rodeira. Escrever, só - sem insistir sequer no acto de o fazer. Escrever à medida dos dias - ou não escrever nada, absolutamente nada e esquecer os dias, as horas, tudo. Esquecer (Al Berto, 2012, p. 505).

Há uma espécie de poética da criação, oriunda da experiência artística vivenciada, que se mostra e se oculta em seus *Diários*. Semelhante aos efeitos do vaga-lume na intermitência do acende-apaga, ou na rapidez do meteoro que deixa rastros luminosos ou mesmo na metáfora da respiração (inspira-expira), o processo de construção de sua escritura é detalhadamente revelado ao leitor. Os esforços do escrever são descortinados em um gesto de confiança e de humildade, mas que mostra, sobretudo, uma consciência sobre o ato em si.

Os *Diários* demonstram, pelas mãos e escrita de Al Berto, certo gesto da mímese da criação ou do nascimento com toda a sua dor e incertezas. Nesse sentido, poderíamos dizer que suas confissões revelam-se como abordagem teórica feita no espaço da criação estética. O diário pensa o fazer literário, fazendo teoria e ao mesmo tempo criando ficção, estetizando o mundo, poetizando a vida. Portanto, revela-se, também, como metapoesia.

Diários, de Al Berto, funciona como certa biografia imaginária, em fragmentos, de uma voz. É nesta direção que se encaminham os livros incluídos em *À procura do vento num jardim d'Agosto* (1974-75) e muitos outros livros da obra do poeta português. Como voz ou algumas vezes como personagem, outras vezes como autorretrato, recado breve, emblema geracional ou figura com máscaras ou sem contornos fixos, é que se define o sujeito nos textos de Al Berto. E como colagem de falas, sucessão de tons, ritmos, conversas, reflexões que se singulariza sua forma de composição poética. O que, em parte, sobretudo porque expressa geralmente em primeira pessoa, se conduz a uma sensação de marcada intimidade (daí, talvez, a sedução voyeurística com que certos leitores se apropriam de seus escritos como exemplares de uma zona de indistinção entre lírica e biografia), por outro lado, revela um constante exercício de aproximação a uma das vertentes mais marcadas da poesia moderna: a do monólogo dramático.

A escrita como conversação, como fala, arte da declamação: este é um dos traços mais característicos da escrita de Al Berto, cujo eco, insistente, se repete, com variações de um livro a outro. Às vezes o texto até começa como recado ou relato à primeira vista coeso, mas, de repente, surgem aspas, interrogações, sugestões de interlocução, fotografias, aforismos.

Os *Diários*, de Al Berto, de alguma maneira, acompanham o modo como trabalhou com as sugestões fornecidas pelo horizonte estético de sua geração, e como foi singularizando as próprias hesitações e escolhas numa poesia, marcadamente, próxima a uma arte da conversação, num texto com características fortemente orais e dramáticas. Escrever poesia torna-se, para Al Berto, além de escuta, um trabalho de elaboração de sua percepção de mundo, de registro de impressões e de referências a partir das suas paixões literárias: Charles Baudelaire, Rimbaud, Florbela, Fernando Pessoa, Oscar Wilde e outros.

Nesses termos, os fragmentos de diários íntimos convertidos, algumas vezes, em poemas demonstram como o poeta opta por um projeto pautado no inacabado e no precário, mas que, ao mesmo tempo, concentra uma múltipla e densa expressividade, instaurando um espaço híbrido onde encena sua própria subjetividade. No mesmo aspecto, destaca que apesar de nos poemas-diário de Al Berto as datas serem quase sempre explícitas e, muitas vezes, intitulem os textos, o autor conseguiu colocar em crise a própria lógica do gênero na medida em que inseriu cortes à sequência linear dos relatos, construindo poemas marcados pela desordem e pela descontinuidade dos registros.

Diários, de Al Berto e sua obra, como obra literária, é uma crise e uma crítica. Crítica no sentido etimológico da palavra: cortar para discernir. Crise porque institui continuamente, a consciência de que o ato de escrever é, entre outros traços, uma incitante provocação ao pensar e autorretratar-se. Por isso mesmo, o desejo de: “Desejaria esboçar um autorretrato, mas não consigo, o corpo paralisou-me no início da memória. Perdi-me no tempo incerto dos berlindes, dos passeios para apanhar búzios. Perdi-me no momento em que a infância me abandonou” (Al Berto, 2012, p. 117).

O espelho, também recurso estilístico e continuidade desse processo, é metáfora retomada para assumir a busca e do drama do homem que é acrescido do drama do escritor/poeta, preocupado com sua verdade “artística”: “Procurar o meu corpo no corpo dos outros, atravessar espelhos e destruir os reflexos que me incitam a acreditar que aquilo que se reflecte sou eu. (Al Berto, 2012, p. 153)”.

Escrever no corpo da linguagem e com o corpo, eis a tarefa a que se tem proposto Al Berto. A partir dele, é com o tempo, a escrita e o silêncio, em que se mesclam a palavra e o ser, que se elabora a criação poética al bertiana. Nela e em sua obra como um

todo, articulando-se ao inevitável conflito do sujeito angustiado, entra também em jogo, em primeiro plano, o indagar sobre esse processo.

A procura de ler a obra e *Diários*, de Al Berto deve ser feita na instância em que, pelo silêncio, ela se manifesta e pulsa. E porque ela se move no espaço do vício de escrever, da procura pela palavra, ela, algumas vezes, nega seu próprio registro: “Este diário, se é que é, é um vício e não uma necessidade. Posso muito bem passar sem escrever. Posso muito bem não escrever absolutamente nada, não deixaria de ter o vício das palavras, não deixaria de ser escritor”. (Al Berto, 2012, p. 96).

Negando a palavra enquanto projeto estético, a experiência de ler a poesia al bertiana, é, também, assumir, em contra partida, sua leitura como paixão errante, como diria Blanchot. Onde essa errância para e como ela se movimenta parte dos bastidores de sua poesia, tanto quanto sua criação artística. Isso fica evidente quando registra: “Um projecto assalta-me: Escrever incessantemente para poder deixar de escrever” (Al Berto, 2012, p. 41).

Como o pensamento baudelairiano, além do fascínio e a obsessão pela palavra, Al Berto registra a consciência da fragilidade, a fugacidade do tempo, dos seus estragos, e que, por isso mesmo, abarca a tentativa de superação pelo imaginário poético:

Recomeçar este diário. Voltar a escrever com regularidade. Quase nada de novo na minha vida. Apenas escrever, sem cessar; aí residirá talvez um pouco de felicidade. Ou talvez um pouco de esperança. Ou talvez nada, absolutamente nada. Escrever livros que me percorrem o coração. Quebrar este silêncio em que me fechei. Diluir a mágoa dos dias nalgum sorriso. Olhar as horas e saber que no minuto vindouro se pode morrer. Quase nada tem importância na vida. Atravesso o tempo tranquilamente, repleto de sobressaltos (Al Berto, 2012, p. 173).

Se a memória baudelariana abriu ao artista as portas da imaginação e a Beleza suprema, transformou-se, também, em desilusão, em angústia - o próprio *spleen* - nem por isso a emoção estética associada à lembrança, sob a forma de poesia, se converteu em espaço e tempos vazios. A lírica al bertiana traz, feito Baudelaire, do seu desencanto com o mundo pós-moderno, o fermento para o seu reencantamento. Em outras palavras, ele tece uma realidade outra a partir de si mesma, da sua materialização, enquanto imagem de sonho, reflexão ontológica, identidade reencontrada por intermédio da criação. E por isso confirma veemente:

Seria incapaz de deixar de escrever, mesmo que nunca mais publicasse. Parece-me, cada vez mais tenho a certeza disto, que a trajetória de um escritor nada tem a ver com a publicação do que escreve. Um “projecto de escrita” escapa a essa necessidade de se ver publicado, não se verga a nenhum comércio, nem se compra em concessões. Escrever, pelo menos no que me diz respeito, é um projeto que assenta em grande parte, na maneira como

estou na vida, na maneira como vou dimensionando com o que me rodeia. Seria impossível condescender, facilitar ou aceitar propostas que não têm ligação alguma com a minha maneira de estar e, por consequência, que nada tem a ver com o que escrevo (Al Berto, 2012, p. 88).

REFERÊNCIAS:

Al Berto. *O Medo*. Lisboa. Assírio & Alvim. 2000.

_____. *Diários*. Lisboa. Assírio & Alvim. 2012.